

**MUNDO LITERÁRIO: semanário de crítica e informação literária, científica e artística** (Lisboa, 1946-1948) – Foi uma revista ilustrada com periodicidade semanal e direcionada para a crítica e divulgação de **atualidades culturais nacionais e internacionais**. Pelas várias áreas de interesse que se encontram no *Mundo Literário*, incluímos esta revista nas **categorias** de *Imprensa Cultural, Literária, Artística, Ilustrada e de Divulgação Científica*.

**António José Saraiva** (então, colaborador com 19 anos) e Óscar Lopes consideram que este periódico foi **suspenso pela “censura fascista”**. Ambos defendem que “as **dificuldades de uma síntese entre o marxismo e a vanguarda literária** comprometeram a existência da revista cultural de grande tiragem *Mundo Literário* (1946-47).”<sup>1</sup>

Considerações que vão ao encontro de informações que nos foram prestadas pelo investigador **Joaquim Cardoso Gomes**, que recentemente consultou o *dossier* da censura sobre o *Mundo Literário*, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: “no processo existe uma **capa original desse número** [o 53, o último publicado] **com o editorial sublinhado a azul**”, a par de uma nota manuscrita de Silva Dias, subdirector dos serviços de censura, que diz que «em 14-V-1948 comuniquei verbalmente ao director da revista de que não seriam de futuro visadas provas, em face do contexto do seu último número (53), que se apresentou contrário ao compromisso pelo mesmo director do *Mundo Literário*».

Segundo o investigador, “nesse mesmo dia 14 de Maio **o director da revista perguntou à censura as razões para não terem sido devolvidas as provas do número 54**. A censura respondeu no dia 17.5.1948 transcrevendo o despacho do director dos serviços em que se refere ter o Subdirector constatado que «aquele Senhor permitiu que os seus colaboradores imprimissem ao referido jornal uma directriz em **manifesta contradição com o compromisso, que ele subscreveu em 24 de Janeiro de 1946**». Nele, Jaime Casimiro declara que «não consentirá qualquer colaboração em que se toque, sequer ao de leve, em problemas políticos ou sociais, especialmente no sentido de expor uma orientação política ou social diferente, dos princípios que regem a situação política actual».”

Através das informações de Joaquim Cardoso Gomes, ficamos ainda a saber que não “foi fácil convencer o regime a permitir o lançamento da nova revista. **O pedido para a sua edição data de Junho de 1945**, mas as desconfianças do regime face ao leque de colaboradores levou a um processo dilatatório pelo que só foi deferido em 12.3.1946”. E refere que a partir de determinada altura, o *Mundo Literário* “apresenta de resto um leque de colaboradores mais alargado para tentar convencer a direcção da censura a continuar a sua existência”.

---

<sup>1</sup> SARAIVA, António José, e LOPES, Óscar – “Surto e evolução do neo-realismo”. In *História da Literatura Portuguesa* (8.ª Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975, p. 1111.

A coleção do *Mundo Literário* completa é composta por 53 números (28 cm de dimensão) impressos entre 11 de Maio de 1946 e 3 de Maio de 1947 (52 números), e um a 1 de Maio de 1948 (n.º 53). Publicou-se também **1 folha volante** na *Gráfica Lisbonense, Rua da Rosa, 240*. Folha solta, não assinada, que anunciava a revista, com o título **“LEIA este primeiro número de MUNDO LITERÁRIO: semanário de crítica e informação literária, científica e artística”**, a qual chama a atenção para **“colaboradores de elevada categoria”**. Assegura **“opinião digna de crédito”** que **“esclarecerá o leitor sobre os problemas da cultura, os grandes escritores de ontem e de hoje em todo o mundo”**, além das **“correntes vivas no campo da ciência e da arte”**. E termina com informação de que a **“não devolução de dois números consecutivos implica a cobrança de uma assinatura de experiência: 6 números: 15\$00** (15 Escudos – o Escudo foi a moeda portuguesa entre 1910 e 2001, inclusive).

Recorremos ao *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa de Daniel Pires*, e aconselhamos uma leitura complementar à extensa listagem de **textos publicados no Mundo Literário, “dignos de menção” e à bibliografia** nele incluído.

No “verbetes” sobre o semanário, Daniel Pires reproduz excertos de duas cartas, uma de Jaime Cortesão Casimiro e outra de Luís de Sousa Rebelo. **Jaime Cortesão Casimiro** (JCC), diretor com apenas 23 anos, relembra: “Fui fundador do semanário *Mundo Literário*, com apoio financeiro obtido através de **Emil Andersen, que teve a seu cargo a contabilidade e figurou no Corpo Directivo desde o n.º 1 [...] até 23 de Novembro** do mesmo ano, e com a colaboração fundamental de **Adolfo Casais Monteiro como director e coordenador literário.**” JCC prossegue: **“A escolha dos colaboradores** norteava-se por um critério obviamente não declarado [...]: **não apoiarem ou colaborarem com o Estado Novo**, tendo a maioria deles **subscrito as famigeradas listas do MUD** contra o Governo. **Não faltaram problemas com a Censura**, que me cabia contactar nessas situações e, **para evitar uma primeira suspensão, fomos forçados por ela a “Declaração”** publicada no n.º 6”. Mais à frente, Daniel Pires escreve que, nessa declaração, o corpo redatorial foi **obrigado a demarcar-se de “dois artigos críticos do status quo da autoria de António Ramos de Almeida** que tinham vindo a lume no n.º 4”. JCC também escreve que **“a colaboração era remunerada e, em Maio de 1947, as dificuldades financeiras e dívidas acumuladas impuseram a suspensão no n.º 52** de 3 de Maio de 1947. Consegui [...] o apoio da Editorial Cosmos”. Sai o n.º 53 e nele anuncia-se que **“Casais Monteiro abandonara o Corpo Directivo”**. Mais, JCC conta que **“foi o pretexto para a Censura decidir acabar com o semanário**, invocando o que considerava uma **intolerável guinada para a esquerda na reportagem Alfambras, Terras Perdidas** (com fotos de Edgard Castanheira; sobre a miséria dos algarvios) **de Maia de Jesus** (n.º 53, pp.1,8-9). **Desde então, a Censura recusava-se a devolver, visadas ou cortadas, as provas dos textos a publicar.**”

Conta Daniel Pires que **“o seu mais assíduo colaborador”, João Gaspar Simões, “interrompeu a sua participação”** em carta dirigida a Adolfo Casais Monteiro onde dizia que **“O Mundo Literário está transformado num panfleto de críticos mais ou menos filósofos** que em vez de fazerem críticas, indagam os fundamentos da crítica”.

Na outra carta do editor **Luís de Sousa Rebelo (LSR)**, lê-se que “a direcção efectiva cabia a **Adolfo Casais Monteiro**, que figurava na revista como um dos membros do corpo directivo, já que **o regime de Salazar não tolerava que ele fosse o Director, dada a simpatia que tinha pela República espanhola.**” Segundo LSR, a censura suspendeu a revista ao nº 53, por causa de “**O Pássaro Azul da Crítica Literária**” de **António José Saraiva**, autêntica crítica “ao esteticismo de **João Gaspar Simões**”, pois “**mostravam afinidades com atitudes e preocupações do neo-realismo.**” [...] LSR esclarece que “promover uma cultura democrática e aberta, estimular o diálogo entre o leitor e o crítico, para o que criou a **tribuna do leitor** – foi **um dos objectivos capitais da revista.**” (...) Mas, principalmente, continua LSR, “o interesse pela **relação arte/sociedade**, a divulgação de **autores norte-americanos** – **John dos Passos, Hemingway** [...] – **tornaram a revista suspeita.**”<sup>2</sup>

Julgamos que a suspeita mencionada tenha a ver com duas traduções não assinadas, as “**Jornadas do romance Americano**” (n.º 32, pp.7-8,10) **com autores masculinos** e, “**Romancistas Americanas**” por Albert J. Guérard, cuja intenção era só falar sobre autoras femininas, cujas obras se comparam aos autores **Dos Passos e Hemingway** (n.º 34, pp.1,14,16).

Mencionamos agora a primeira *ficha técnica* da revista, a qual, a seguir ao título e à data, anuncia o **preço avulso: 2\$50**. *Segue-se a Direcção: Jaime Cortesão Casimiro* e a *Edição: Luís de Sousa Rebelo*; o *Corpo directivo: Adolfo Casais Monteiro, Emil Andersen e Jaime Cortesão Casimiro*. Depois, a *Propriedade Editorial Confluência*, e a *morada da Redacção e Administração: Avenida da República, 48-B, Lisboa*. Continua com a *Composição e impressão: Imprensa Libânio da Silva – Travessa do Fala-Só, 24*. E termina com três informações ao público: “**SAI TODOS OS SÁBADOS**”, os *Distribuidores exclusivos para o Brasil: Livros de Portugal – Rua Gonçalves Dias, 62 – Rio de Janeiro*, e a frase, então obrigatória: **ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**” (n.º 1, p.2).

## PROGRAMA EDITORIAL

Em linguagem quase encriptada, torna-se necessário ler com atenção o primeiro “**Editorial**” no qual a revista se propõe “**ser, entre a arte, a ciência e a literatura de um lado, e do outro o público, o terreno comum.**” Ao público diz-se que os “**problemas do espírito são mais alguma coisa do que parecem supor os habituais fornecedores das suas leituras periódicas.**” E finaliza dizendo que o “**MUNDO LITERÁRIO dirige-se [...] aos que desprezam a falsa actualidade**” e que “**conta preencher um vazio inadmissível que todos sentiam**” (n.º 1, p.1).

O segundo “**Editorial**” afirma que “**os artistas portugueses estão de parabéns**”. Lança a crítica irónica de serem esquecidos como “**elemento actuante da sociedade portuguesa, a que se diria não pertencerem senão por acaso ou por favor** [...]”. Depois anuncia que a Sociedade Nacional de

---

<sup>2</sup> PIRES, Daniel - “MUNDO LITERÁRIO”. In *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1941-1974)*, Vol. II, 1º tomo. Lisboa, Grifo-Editores e Livreiros Lda.,1999 (DL), pp. 313-320.

Belas Artes apresentou dois eventos: a “**primeira Exposição Geral de Artes Plásticas**” [...], e a “nova Orquestra Sinfónica do Jardim Universitário”, no Coliseu dos Recreios. E termina por referir o “**nível de qualidade a que estávamos desabitutados**”, além de felicitar o *Mundo Literário* ao ser “intermediário entre os artistas e o público” como se propôs (n.º 10, p.1).

Publicam-se sobre esta **Exposição Geral de Artes Plásticas**, outros textos críticos de colaboradores da revista, um de **Adolfo Casais Monteiro** intitulado “**O Espírito de uma Exposição**” (n.º 11, pp. 1, 8), e outro de **Jorge de Sena** com o título “**Notas de Crítica**” (n.º 11, pp. 8-9,16), que contêm fotos das pinturas: **Pomona** de Maria Keil do Amaral (1914-2012), **Dia Feriado-Lisboa** de Júlio Santos (1916-1963), **Flores e Frutos** de José Joaquim Ramos (1881-1972), **Nasceram Seios, Búzios e Chagas na Árvore sem Folhas** de António Pedro (colaborador) e a famosa **Praça de Camões (1946)** de Abel Manta (1888-1982). Esta exposição foi uma lufada de ar fresco, pois apresentou novos artistas portugueses, razão patente no texto “**Três Pintores do Nosso Tempo**” do colaborador **José Ernesto de Sousa** (n.º 12, pp.11,16).

No **terceiro “Editorial”**, a revista completa **um ano de existência** e faz um balanço das “**dificuldades vencidas** [...] que os **nossos colaboradores também aceitaram suportar de certo momento em diante**, o que muito os honra.” Os “sacrifícios de toda a ordem” foram provocados pelo “aumento do custo de vida” e por “sucessivos aumentos do preço do papel”, os quais fizeram “**suspender por algumas semanas a publicação** de *Mundo Literário*.” E termina, no plural, com “**voltaremos à lida, com a mesma certeza de que, mau grado todas as deficiências inevitáveis, ocupamos um posto que não deve ser abandonado**” (n.º 52, pp.1,10). A suspensão, afinal, durou um ano.

Vamos ainda referir o **quarto “Editorial”** que abre o último número, um ano depois, a 1 Maio 1948. Apresentando-se com uma linguagem mais direta mas sempre plural, reitera que “numa época em que **os mais variados processos de mistificação da consciência são usados com evidente prejuízo para uma mentalidade nacional livre e esclarecida**, supomos ser **mais necessário do que nunca voltar ao nosso posto**” (n.º 53).

## CONTEXTO HISTÓRICO

Termina a II Guerra Mundial e **Portugal** encontra-se numa situação de **isolacionismo internacional**, reforçado pelo regime do Estado Novo (1933-1974) liderado pelo ditador Salazar. Por isso, Portugal foi pressionado a “democratizar-se” pelos dois países aliados, EUA e Grã-Bretanha. Logo, foram **marcadas Eleições Presidenciais** para 13 de fevereiro de 1949, às quais concorreram o **oposicionista general Norton de Matos** e o marechal Óscar Carmona pela *União Nacional*, o partido político do regime vigente.

O **MUD**, Movimento de Unidade Democrática, **unia a oposição**. Fundado **legalmente a 8 de Outubro de 1945, foi ilegalizado a 31 de janeiro de 1948** durante uma sessão, com a prisão das pessoas que constituíam as suas comissão central e distrital de Lisboa. Como seus objetivos prioritários,

defendia “a luta pelo direito à liberdade de reunião, de associação e de imprensa e a seriedade nas eleições (...)”.<sup>3</sup>

Depois da sua fundação no *Centro Almirante Reis* e, em poucos dias, o MUD tornou-se um movimento nacional. Circularam então “**listas de assinaturas de apoio ao MUD**”, as quais foram “abertas à subscrição pública em várias casas comerciais”. A 24 de Outubro anunciava-se “**em conferência de imprensa que, só em Lisboa, havia mais de 50 000 subscritores.**”<sup>4</sup> Também organizou manifestações populares onde **exigiu a queda do regime** político vigente e, **apoiou Norton de Matos que desistiu, por falta de liberdade** para publicação de comunicados e consulta dos cadernos de eleitores.

Simultaneamente, em Abril de 1933, entram em vigor a **Constituição do Estado Novo e a censura prévia** instituída pelo Decreto-Lei n.º 22469, o qual se manteve até 1972. O artigo 6.º dispõe que *as comissões encarregadas da censura não poderão alterar o acto censurado com aditamentos ou substituições, devendo limitar-se a eliminar os textos ou passagens reputados de inconvenientes.*” Uma década depois, surge o Decreto-Lei n.º 33015, de 30 de Agosto de 1943, “que volta e especificar quais as publicações sujeitas a censura prévia, frisando-se que caem sob a sua alçada **todas as publicações que versem assuntos de carácter político-social.**” Um ano depois, o Decreto-Lei n.º 33 545, de 23 de Fevereiro, instituiu um *Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular* onde são integrados os “**Serviços de Censura, que ficavam, assim, dependentes do Secretário Nacional de Informação (SNI), escolhido diretamente por Salazar.**”<sup>5</sup>

É neste contexto de falta de liberdade de Imprensa que nasce o *Mundo Literário*, em 11 de maio de 1946, apanhando o “comboio” do MUD que incutia esperança de novos ventos, embora vigiados pela *Guerra Fria* (1945-1989).

## ESTRUTURA GRÁFICA E ASSINATURAS

Na primeira página de cada número, à esquerda, aparece o *cabeçalho* da revista com o **título (em letra maiúscula de cor branca em fundo cor de tijolo, única cor existente na revista)**, a numeração e a data. Aqui também surge um resumo que destaca colaborações, sem indicação da respetiva paginação, intitulado “**Neste Número**”, “**Colaboram neste Número**” ou “**Sumário**”, exceto o n.º 25 que não apresenta qualquer um destes títulos.

As páginas da revista, a preto e branco, apresentam-se **impressas a três colunas** e do total dos 53 números, 51 publicaram-se com 16 páginas e dois com 20 páginas (n.º 3 e n.º 4).

A tradicional forma de sustentação dos periódicos são as “**Assinaturas**”. Título informativo e repetido em todos os números, sobre pagamentos a efetuar “por

<sup>3</sup> Ver: [http://www.infopedia.pt/\\$movimento-de-unidade-democratica-\(mud\)](http://www.infopedia.pt/$movimento-de-unidade-democratica-(mud))

<sup>4</sup> MATTOSO, José – “Sob os Ventos da Guerra: a primeira crise séria do regime (1940-1949)”. In *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, Vol. 7, p. 328.

<sup>5</sup> FRANCO, Graça – “Instituição da Censura Prévia”, “A Segunda Grande Guerra”. In *A Censura à Imprensa (1820-1974)*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 1993, pp. 106-107, 119.

meio de vale de correio ou carta registada”, sobre o preçário: **12 números: 30\$00, 24 números: 60\$00** e a *Assinatura de Experiência*, já mencionada. Finaliza com a frase: “Portes do correio incluídos e Pagamento adiantado”. **O preçário altera-se em “Novas Condições de Assinatura”**: 12 números sobem para 27\$50 e 24 números para 53\$50 e termina assim: “**Assine Mundo Literário! Recebê-lo-á em casa e mais barato**” (n.º 16, p.2). Em “**Aos nossos Assinantes**” informa-se que **em Lisboa** “a cobrança deixou de ser feita pelo correio”, pelo que se agradece que “**facilitem o trabalho do nosso cobrador**” (n.º 30, p.14).

A Inclusão dos ***Distribuidores exclusivos em Portugal, Ilhas Adjacentes e Colónias: Editorial Organizações – Largo Trindade Coelho, 9-2º – Telef. 27507***, é a primeira alteração na *ficha técnica* da revista (n.º 14). No entanto, as maiores alterações na *ficha técnica* da revista acontecem no n.º 27 (9 novembro de 1946), pois muda a morada da ***Propriedade Editorial Confluência*** para a Rua da Misericórdia n.º 81-4º D, Lisboa. Também a ***Composição*** vai para a nova morada da *Propriedade*, e a ***Impressão*** para a ***LABOR, Rua do Barão n.º 31***.

Outro “Aviso Importante” comunica que “toda a **correspondência** dirigida a *Mundo Literário* deve ser endereçada para a Rua do Norte, 109-3º, Lisboa (n.º 25, p.16). Mas é por pouco tempo porque a “**Nova Redacção de Mundo Literário**” vai situar-se “**definitivamente na “Rua da Misericórdia, 81, 4º**” (n.º 28).

Desaparece o *corpo diretivo* por causa da **saída de Adolfo Casais Monteiro**, homenageado com um pequeno texto e um retrato desenhado com assinatura irreconhecível (n.º 53, p. 2) e é uma diferente *ficha técnica* que surge no último número do *Mundo Literário*, *quase toda concentrada no Bairro Alto, em Lisboa*. A ***Redacção e Administração: Rua da Emenda, 111-2º***, junta-se à *Editorial Confluência*. Muda a empresa que faz a *Composição* e a *Impressão*: ***Imprensa Artística, Rua do Diário de Notícias, 113***. E, em Lisboa e Porto, são outros os ***Distribuidores exclusivos em Portugal, Ilhas Adjacentes e Colónias: Agência Argos – R. S. Lázaro, 174-2º – Telefone 50429 – Lisboa – R. Alexandre Herculano, 410 – Porto*** (n.º 53). A ***Composição e a Impressão*** do *Mundo Literário* tiveram um número de **telefone: 22504** entre os n.ºs.10 e 26. **Modernizaram-se ou pretendiam uma comunicação mais célere com as Comissões de Censura?**

## CRÍTICA ARTÍSTICA E CULTURAL

**As primeiras páginas** do *Mundo Literário* incluem sempre uma foto de uma obra artística, com a intenção de divulgar a modernidade. Escolhidas pelo que representam e não por serem belas, de que são exemplo, o desenho satírico ***Paz na Europa de George Grosz*** (n.º 25, p.1), e ***O Pequeno Campo de Buchenwald*** (Pintura; tela de 5m x 3m -1945) **de Boris Talitsky**, este encimado pela frase, em letra maiúscula a bold e em cor de tijolo: “**Para que os Homens não Esqueçam**” (n.º 24, p.1).

No primeiro número, a revista exhibe as fotos das obras: a ***Mulher Sentada, Retratos (1919)*** e ***A Mãe e o Filho (1943)*** de **Picasso** (1881-1973) a ilustrar o texto “Don Pablo Ruiz, reinventor da Pintura”, do colaborador **António Pedro**

(1909-1966), a propósito de uma **exposição vista em Londres**, sobre “obras de Picasso feitas em Paris durante a ocupação” alemã. António Pedro também é o autor do artigo biográfico “**Cândido Portinari**” (1903-1962), ilustrado com **S. João (1935)**, **Enterro (1941)**, **Menino Chorando (1945)** e **Velha** (n.º 2, p.1; n.º 4, p.1,6-7).

Estes destaques surgem porque a pintura destes artistas é criticada na rubrica “**Tribuna do Leitor**”, por J. A. Castro, em carta enviada sobre “Picasso, Portinari e o *Homem da Rua*” (n.º 11, pp.2,6). **Responde António Pedro** com “**Picasso e o homem de que rua?**”, texto pedagógico e crítico dirigido ao leitor que “**não gosta, não entende e conseqüentemente não entende que se goste**”. Mais à frente, António Pedro humaniza e explicita que “**o homem de sempre não é apenas a realidade tangível do seu exterior**. Desde que existe tem mãos, pés, sonhos e angústias”. E finaliza ironicamente: “**Que lhe pareceria se eu, que mal sei a tabuada, me pusesse a arengar sobre a teoria da relatividade e chamasse burro a Einstein porque utiliza uma linguagem que eu não aprendi a balbuciar?**” (n.º 12, p.6). Sobre Picasso também escrevem: **Júlio Pomar** com “**Em torno de Picasso, Picasso não Desconcerta**” e **Adolfo Casais Monteiro** com “**Guernica**”, (n.º 10, pp.5-6; pp.7-8).

**Cândido Costa Pinto** na sua secção “**Como está a fazer-se a Cultura de Arte em Portugal**” (n.ºs.14,16-17), no terceiro texto, refere que **Picasso do “nosso tempo” é o artista “mais representativo”** e “mostra” 5 quadros: *A Virgem e o Menino – Quadro de 1410* ao lado de *1ª Maternidade Azul (pormenor) – Quadro pintado por Picasso aos 20 anos*, *Picasso – Mulheres à Beira-Mar (pormenor)*, *Picasso – Quadro pintado aos 43 anos* e *Desenho de um Louco, apresentado em Paris, por volta de 1925, pelo Dr. Pierre Marie*.

Da pintura de “**Pousão e Columbano**” escreve **Diogo de Macedo** (1889-1959), que ilustra com as pinturas *Rapaz do Cântaro* e *Castelo de Sant’ Ângelo de Pousão* (n.º 3, pp.1,5); a revista “salta” para “**Imortais? Não, apenas Imutáveis ...**” e reproduz duas **caricaturistas de Bernardo Marques** (1899-1962), sobre a burguesia “**Como os viu um Desenhador Francês** (*Lettres Françaises, 19 de Abril*)”, e sobre belicismo “**Da mesma idade que já tinham quando Bernardo Marques, em 1933, lhes fixou a Vera Efigie**” (n.º 4, p.20).

A **colaboração artística** conta com **dois desenhos de Júlio**, temáticos em crítica social, com o texto “**Sobre os desenhos de Júlio**” de **Adolfo Casais Monteiro**, que elogia a exposição deste artista no Salão da Delegação do *Primeiro de Janeiro*, em Coimbra (n.º 31, pp.1,16).

Anuncia-se um “**Calendário Cultural**” onde se pede “a todas as agremiações culturais” para enviarem as “indicações necessárias” sobre eventos e “um bilhete ou convite” para o nosso crítico (n.º 3, p.19). Só mais tarde surgem as agendas “**Notícias**” (n.º 20) ou “**Noticiário**” (n.º 32).

De referir a secção de artes plásticas “**Vinte Anos Depois**” de **Júlio Pomar** (1926-), com apenas 20 anos. O texto I fala sobre estilo plástico, “o novo”, e critica a exposição “20 Anos de Pintura” do pintor Dordio Gomes na Livraria Portugália, no Porto e é ilustrado por duas fotos: **Dordio Gomes – Auto-Retrato** (*gravura em madeira*) e **Bacanal** (*maquete para um fresco do Café Rialto no Porto*) (n.º 6, p.1,9).

Duas pinturas de Júlio Pomar – *Marcha e Gadanha* ilustram o texto “A I Exposição de Primavera no Porto”, exposição conjunta no Ateneu Comercial do Porto. Júlio Pomar “está na vanguarda. Estamos realmente diante de **um Novo Pintor**”, elogia e critica A.R. de Almeida (n.º10 , pp.1,8-9,16). Mais uma obra, os *Meninos – Desenho de Júlio Pomar* ilustra “**A Comemoração: um conto de Jorge de Sena**” (n.º 35, pp.1,7-9,16), que também colaborou na secção “**Alguma Poesia e outras considerações desagradáveis**” ilustrada por **Bernardo Marques** (n.ºs.1-2), e na rubrica *Cinema* (n.ºs.11-45).

## COLABORADORES E RUBRICAS

As rubricas do *Mundo Literário* apresentam um grafismo semelhante, com os títulos ilustrados por desenhos alusivos rodeados por três linhas elípticas, são sempre **assinadas por vários colaboradores**. Num total de **140 colaboradores** (só 13 são autoras), contámos: **69 em Literatura, 25 em Arte, 22 em Jornalismo, 19 em Ciências** e os restantes são autores em mais do que uma rubrica.

Dos autores literários, **20 só publicaram poesia** e destes destacamos: **Carlos Drummond de Andrade** (n.º 3, p.7); **Alexandre O’Neill** (n.º 31, p.9); **Eugénio de Andrade** (n.º 53, p.7) e **Pedro Homem de Melo** (n.º 20, p.5) nas páginas *Poesia* ou *Poemas*. E dos mesmos 69, **10 só publicaram contos ou capítulos de romances**, sendo os mais conhecidos: **Matilde Rosa Araújo** (n.º 53), **Branquinho da Fonseca** (n.ºs.16-17), **Fernando Namora** (n.º 19) e **Alves Redol** (n.º 15).

Este periódico também publica secções especializadas, artigos soltos, traduções não assinadas, etc. Sobre “**Poesia e Contos**”, a revista esclarece que é seu “objectivo publicar **poesias tanto de autores inéditos como de autores consagrados, novos e velhos**, atendendo apenas à qualidade, ignorando escolas e grupos” e anuncia a “**publicação regular de contos, tanto a de traduções como a de originais portugueses**” para satisfazer o “**pedido de numerosos leitores**” (n.º 20, p.8).

Na secção literária intitulada *Crítica* colaboraram assiduamente: **Armando Ventura Ferreira** (1920-), **Joel Serrão** (1919-), **Jorge de Sena** (1919-1978) e **Mário Sacramento** (1920-1969), além de **Jacinto do Prado Coelho** (1920-1984) sobre *Camilo Romântico* (n.º 52, pp.9-10). Mais, a secção crítica “**Interpretações e Juízos**”, só assinada por **João Gaspar Simões** (n.ºs. 1-26), quase intercala com “**Da Literatura e da Crítica**” de **José Régio** (n.ºs. 9-27).

Consideramos que a primeira rubrica da revista é *Teatro* (n.ºs. 1-53), iniciada por **António Pedro** (1909-1966), que publica o texto “*Antígona* de Júlio Dantas no Teatro Nacional”, e **Casais Monteiro**, que critica “*Mar* de Miguel Torga e *O Doido e a Morte* de Raúl Brandão” (n.º 1 , p.6). António Pedro ou A.P., também assina a famosa secção *História Breve da Pintura* (n.ºs.5-51). Noutro texto, sobre o judeu “**Emerick Marcier**”, ilustrado com “**Marcier – Desenho**”, A.P conta que “**em 1940, com a leva dos refugiados, apareceu em Lisboa e por cá andou quase um ano à espera de visto**, como 60.000 outros desafortunados” (...). Agora é “**mais um pintor brasileiro**” (n.º 8, pp.1,8). De referir que na rubrica *Teatro*, o colaborador mais assíduo foi **Luiz Francisco Rebelo** (n.ºs. 17-53). Também **Manuela Porto** (1912-1950) colaborou nesta



rubrica com vários textos, sendo o primeiro “**A Propósito da Primeira Representação no Teatro Estúdio do Salitre**” (n.º 2, pp.15-16), além da rubrica **Cinema** com “Ninguém Diga, neste Mundo, desta água não beberei (**A propósito do filme *Três dias sem Deus***)” (n.º 23, pp.13-14). Sobre o “**Teatro-Estúdio do salitre**”, a direção anuncia que um dos seus objetivos “é proporcionar aos novos autores portugueses, a **oportunidade de verem os seus textos erguidos sobre um palco**” e, que é “**criminoso negar-lho**” (n.º 36, p.16).

**Cinema** (n.ºs. 2-53), outra rubrica, inicia-se com dois textos teóricos, um de **Manuel de Azevedo** e outro de **Rui Grácio** (1921-), mas **Campos Costa** ou C.C (n.ºs. 23-53) foi o seu colaborador mais participativo, seguido de **Alberto Bruno** (n.ºs. 46-52). De referir, o texto de Manuel de Azevedo, “**Os caminhos do Filme: Espectáculo de Escravos?**”. Aqui realça o tema da **negritude** e do “carácter eminentemente **democrático ou colectivo**” do cinema e do facto de “**línguas e raças diferentes, poderem sentir e experimentar, em conjunto, os mesmos sentimentos e emoções**” (n.º 12, p.14).

**Ópera** (n.ºs. 3-50) e **Música** (n.ºs. 3-53) são duas rubricas que começam uma a seguir à outra, a primeira “Em S. Carlos” de **José Blanc de Portugal** (1914-), e a segunda de **Francine Benoit** (1894-1990), autora de “XXIII Concerto de *Sonata*” (n.º 3, pp.17-18; pp.18,20).

De destacar, na rubrica *Música*, o texto “**Jazz**” de **José Aurélio**, que narra a história deste a partir dos estereótipos “**O Jazz é música de pretos**”, “**logo, é música inferior**” (n.º 47, pp.9,15). A propósito, a **negritude** já antes focada por António Ramos de Almeida em “**A Poesia Negra de Langston Hughes**” e deste, publicados “**Dois Poemas: Proémio e Adeus**”, traduzidos por A. Casais Monteiro (n.º 8, p.11).

A **Tribuna do Leitor**, rubrica irregular e já mencionada, é anunciada no n.º 1 e inicia-se no mesmo número da rubrica **Hospital das Letras**, não assinada, a qual ocupa uma página com *historietas* diárias como, por exemplo, “**Existencialismo para uso doméstico**” (a partir do n.º 4).

A secção especializada e de divulgação do **Panorama Científico** (n.ºs. 3-52) tem dimensão alargada na revista e inclui trabalhos de **muitos colaboradores, nacionais e estrangeiros**. Inicia-se com: “**A Universidade e a Cultura**” de **Manuel Teles Antunes** e “A associação dos Trabalhadores Científicos em Inglaterra” por **J. Delgado Oliveira** (n.º 3). Aqui, **o mais famoso colaborador é Rómulo de Carvalho** (1906-), que escreve sobre Leibnitz (n.º 33) e Langevin (n.º 37), além de **Edmundo Curvelo** (1913-1955) que ilustra os seus textos com **desenhos de Noémia Curvelo** (n.º 9; n.º 16) e de **Curie-Joliot** (1897-1956), única colaboradora cientista (n.º 49).

**Artes Plásticas** é a penúltima rubrica a surgir no semanário e só se publica três vezes. Duas assinadas por **Fernando Azevedo** (1894-1974), das quais mencionamos “**A XI Exposição de Arte Moderna no S.N.I.**”, criticada porque “não cumpriu” devido à “ausência da grande maioria dos artistas modernos” e, por ser “oficial” teve “o seu quê de paradoxo” (n.º 46, pp.7,15). A última vez é assinada por **José Ernesto de Sousa** que preferiu a entrada “Exposições” que começa pela crítica à “**Exposição do Grupo de Artistas portugueses (GAP)**” (n.º 53, p.12).

**Livros**, última rubrica da revista, é espaço de recensões, no qual destacamos Álvaro Salema sobre *As Raízes do Futuro* de José Régio (n.º 53, pp.10-11).

## PUBLICIDADE E ANUNCIANTES

O *Mundo Literário* conseguiu atrair **anunciantes de novos produtos estrangeiros e nacionais com sede em várias cidades**, além de Lisboa onde tem a sua redação. O **primeiro número** da revista, além dos anúncios a intercalar textos, **é o único que tem duas páginas reservadas a anunciantes** (n.º 1, pp.15-16).

A **Editorial Confluência**, proprietária do *Mundo Literário*, também **anuncia e edita livros dos seus colaboradores**, que assim têm oportunidade de começar uma carreira pessoal como escritores.

Com a **colaboração remunerada**, a revista vê-se obrigada a publicar uma informação como “Importante: “MUNDO LITERÁRIO reserva-se o direito de não publicar quaisquer artigos ou carta de autores [...] a não ser que esclareçam “problemas de interesse geral” (n.º 2).

Em relação aos **Autores e Editores** no texto “**Bibliografia**”, a revista estabelece que, “independentemente de quaisquer referências críticas, em outras secções de MUNDO LITERÁRIO, as obras enviadas serão incluídas numa pormenorizada relação bibliográfica. **Registaremos também as publicações periódicas recebidas**” (n.º 3, p.13).

Diferente secção, não assinada, passa a ser “**Os Editores anunciam**” com **sinopses de obras** (a partir do n.º 3). E, dirigida só aos editores, é a frase promocional: “**Os Editores Inteligentes sabem que anunciar em *Mundo Literário* é uma garantia de sucesso**” (a partir do n.º 14). A frase “**Ao fazer encomendas aos nossos anunciantes mencione o *Mundo Literário***”, faz-nos crer que a revista também cobraria “comissões” pelas encomendas (n.º 29, p.14).

A revista também se dirige ao público em várias caixas de texto: “**A todas as pessoas que nos conseguirem cinco novos assinantes, oferecemos uma assinatura de 12 números, grátis**”. VALE-LHE A PENA ASSINAR “MUNDO LITERÁRIO”, ASSINE MUNDO LITERÁRIO! Recebê-lo-á em casa e mais barato! e ANUNCIE EM MUNDO LITERÁRIO (a partir do n.º 2).

Mais, demonstrando **intenção pedagógica**, a revista publica, em “**Aos nossos Assinantes, Aos nossos Leitores**” que o “***Mundo Literário* pretende alargar a sua expansão cultural**, criar novas secções e aumentar o número das suas páginas”, além de pedir novas assinaturas para ler “**aos outros o nosso semanário**” (a partir do n.º 12).

Desconhecemos a tiragem e o preçário para anunciar na revista, mas em mais um “Aviso Importante” informa-se que os “**assuntos referentes à Publicidade em *Mundo Literário* devem ser tratados com AGIP**”, empresa junto à *Editorial Confluência*, proprietária da revista (n.º 27).

Para dar uma ideia de quem são as anunciantes da revista, começamos por agrupar os **mais fiéis anunciantes de Lisboa**, destacando: *ESCOLA LUSITANA – Guarda-Livros, etc. por correspondência – Rua de S. Mamede, 32-3º E, Lisboa* (nºs. 1-51); *CALENDAS - Livros e Antiguidades – Rua das Chagas, 17 A* (nºs. 1-48); *LIVROS DO BRASIL, Limitada – Rua Victor Cordon, 29, Lisboa* (nºs. 1-23); *PUBLICAÇÕES Europa-América, Rua das Gáveas, 6-2º, Tel. 61861, Lisboa* (nºs. 11-51); *O GLOBO: quinzenário de actualidades..., R. Luz Soriano, 27-2º, Lisboa* (nºs. 11-20); *AFINIDADES: revista de cultura luso-francesa, Rua das Praças, 13ª-1º, Lisboa* (nºs. 12-14); *GALERIA A. MOLDER, R. 1º de Dezembro, 101-3º, Lisboa* (nºs. 19-30); *SEARA NOVA: semanário de doutrina..., Rua da Rosa, 238-40, Lisboa* (nºs. 15-51); *EDITORIAL GLEBA, Rua da Madalena, 211-3º, Tel. 31216, Lisboa* (nºs. 20-28); *TERRA Ed-Distribuidores–Rua Braamcamp, 10, r/c E, Lisboa, Tel. 46718* (nºs. 13, 29) e, *PORTUGÁLIA EDITORA - Av. Da Liberdade, 13-3º, Lisboa* (nºs. 4-5).

Agrupámos também os **anunciantes de fora de Lisboa**, sob o mesmo critério: *INFORMAÇÃO LITERÁRIA - R. Oriental de Montarroio, 103, Coimbra* (nºs. 21-52) e, *EDITORIAL IBÉRICA - Rua de Santo Ildefonso, 379, Porto* (nºs. 10-26).

Depois, agrupámos os outros **anunciantes nacionais, do número um**: *A D' ABREU, Lda. – Joalheiros – Rua do Ouro, 57, Lisboa*; *MEIA DE VIDRO – Rua Augusta, 158*; *J. A. RIBEIRO & C.ª – Oculistas: casa fundada em 1858 – Rua Áurea, 222/26, Lisboa, Tel. 22188*; *PALÁCIO AZUL – Cabeleireiro de Senhoras – Rua Áurea, 135-39-1º, Lisboa*; *J. COELHO PACHECO – Importadora de Automóveis e Camions [...] – Rua Braamcamp, 90-94, Lisboa*; *EDIÇÕES COSMOS, Rua da Emenda, 111-2º, Lisboa*; *SORVAL – Sociedade de Representações Vasconcelos, Lda. – Rua de S. Paulo, 9, 1º Lisboa, Tel. 23541-25603* e, *PAPELARIA PROGRESSO - 151, Rua do Ouro, 155, Lisboa*.

Por fim, os **anunciantes estrangeiros**, do primeiro número da revista: *HOBART BROTHERS COMPANY–Soldadura eléctric.–Troy-Ohio, USA*; *THE THERMAL SYNDICATE Ltd–Vitrosil–Wallsend-Northumberland, Inglaterra*; *MURPHY Chemical Company Limited–insecticida DeDeTane–Weathampstead, Inglaterra* e, *AIAG–SA, Industrie Aluminium–Lausanne-Ouchy, Suíça*.

**Parece-nos que o anúncio publicitário era a principal fonte de sustentação financeira da revista.** Teoricamente, a publicidade garantia a independência das publicações periódicas em relação ao poder político, mas criava a necessidade de manter anunciantes. Realidade difícil face à economia fechada e nacionalista de Portugal. Foi este ambiente cultural asfíxiante que o *Mundo Literário* arejou, enquanto ocupou “o seu posto”.

Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 27 de Janeiro de 2014.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

PIRES, Daniel - *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1941-1974)*, vol. II, 1º tomo. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda.,1999 (DL).

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa* (8.ª Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975.

MATTOSO, José – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

FRANCO, Graça – *A Censura à Imprensa (1820-1974)*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 1993.

OLIVEIRA, Américo Lopes de – *Dicionário de Mulheres Célebres*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1981.